

MUSA

museus, arqueologia & outros patrimónios

**Volume 4
Setúbal 2014**

**FIDS & MAEDS
Autarquias do Distrito de Setúbal**

Ruínas Romanas de Tróia: a valorização de um património singular

INÉS VAZ PINTO*
ANA PATRÍCIA MAGALHÃES**
PATRÍCIA BRUM **

Os sítios com significado cultural enriquecem a vida das pessoas, proporcionando, muitas vezes, um profundo e inspirador sentido de ligação à comunidade e à paisagem, ao passado e às experiências vividas.

(Carta de Burra, ICOMOS, 2006)

RESUMO

Monumento Nacional desde 1910, as Ruínas Romanas de Tróia foram um grande centro de produção de salgas de peixe que se transformou num aglomerado urbano com casas, termas, necrópoles, um mausoléu e uma basílica paleocristã.

Em 2007 iniciou-se um projecto de valorização de uma área representativa do sítio arqueológico que culminou na instalação de um percurso de visita com painéis interpretativos e permitiu a abertura ao público em Fevereiro de 2011.

ABSTRACT

A National Monument since 1910, the Roman Ruins of Tróia were a large fish-salting production centre that became an urban agglomerate with houses, baths, cemeteries, a mausoleum and an early Christian basilica.

An enhancement project began in 2007 leading to the installation of visiting pathways with interpretation panels opened to the public in February 2011.

UM PATRIMÓNIO CULTURAL SINGULAR

As Ruínas Romanas de Tróia foram um grande centro de produção de peixe salgado e molhos de peixe, continuamente ocupado ao longo de cerca de seis séculos, e têm, desde 1910, a classificação de Monumento Nacional¹.

Situam-se na actual restinga de areia que separa o estuário do Sado do Oceano Atlântico, conhecida como península de Tróia, mas é muito provável que na época romana esta restinga fosse ainda um cordão de ilhas, numa das quais se construiu a Tróia romana. Ácala, uma ilha situada a sul do Cabo Espichel que é referida pelo escritor latino Avieno na sua obra *Orla Marítima*, do século IV, pode ter sido a ilha em que se situava o povoado romano.



Fig. 1 – Ruínas Romanas de Tróia com percursos de visita.

*CEAACP - Troiaresort

**Troiaresort

1 - Decreto de 16 de Junho de 1910, DG 136.

Tróia aparece na literatura desde o século XVI como um sítio de época romana em que se salgava o peixe e é frequentemente visitada e referida por diversos autores nos séculos seguintes².

A primeira escavação de que há notícia teve lugar no século XVIII, por iniciativa da futura rainha D. Maria I³, e em meados do século XIX têm lugar várias campanhas de escavação da Sociedade Arqueológica Lusitana, a primeira sociedade arqueológica do país fundada em Setúbal em 1849 com o propósito de escavar Tróia⁴. A estes trabalhos se deve a descoberta de edifícios de habitação e de umas termas. No século XX, de 1948 até aos anos 70, foi alvo de escavações promovidas pelos directores do actual Museu Nacional de Arqueologia que puseram a descoberto, em particular, várias oficinas de salga de peixe, umas termas, cemitérios e uma basílica paleocristã.

Ao longo dos séculos, as marés foram pondo à vista, na margem do estuário do Sado, inúmeras construções romanas, muitas delas fábricas de salga de peixe, numa extensão de 1,5 km, que mostram que este sítio foi um povoado importante.

O complexo industrial construído no século I desenvolveu-se num aglomerado urbano-industrial que, além das fábricas de salga, tinha casas, termas, estruturas hidráulicas, necrópoles, um mausoléu e uma basílica paleocristã.

Outros edifícios jazem ainda sob as dunas de areia que aterraram o sítio arqueológico, e o que se conhece é apenas uma pequena parcela da outrora Tróia Romana, que mantém ainda uma vasta área por desvendar.

Os tanques de salga são, sem dúvida, os elementos mais típicos deste sítio arqueológico. Alinhados à volta de um pátio, formavam “oficinas de salga”, que por sua vez se integravam em “fábricas

de salga”, conjuntos de diferentes espaços que asseguravam o ciclo da produção.

De acordo com Robert Étienne, quando descreve os centros de produção de *garum*, “*Le plus grand ensemble de l’Occident romain, et de loin, reste la zone du détroit de Gibraltar, l’ensemble du sud-ouest de la péninsule Ibérique, depuis Málaga jusqu’à Lisbonne, avec le site le plus important actuellement connu, celui de Tróia, en face de Setúbal*”⁵. Com efeito, neste sítio foram identificadas 25 oficinas de salga, muitas delas com grandes tanques, que fazem deste sítio o maior complexo de produção de salgas de peixe conhecido no mundo romano⁶.

“Rua da Princesa” é a designação dada ao núcleo residencial escavado pela primeira vez no século XVIII pela futura rainha D. Maria I e no século XIX pela referida Sociedade Arqueológica Lusitana. Os trabalhos desta Sociedade puseram a descoberto um edifício com rés-do-chão e um primeiro andar que, à data da escavação, ainda tinha restos de pavimentos em mosaico e pintura mural, infelizmente hoje desaparecidos. Segundo a mais recente interpretação, trata-se de uma grande casa, provavelmente com um pátio interior, que não está ainda totalmente a descoberto⁷.

As termas situam-se junto à maior fábrica de salga que se conhece em Tróia e têm as partes habituais: a zona aquecida (*caldarium*) com um sistema de aquecimento subterrâneo e pequenos tanques para banhos de vapor e de água quente; a sala de transição com temperatura morna (*tepidarium*); uma zona fria (*frigidarium*) com dois pequenos tanques para banhos de água fria; e ainda um vestiário (*apodyterium*) e uma grande sala junto à entrada para convívio e exercício físico (*palaestra*). Pertenciam certamente ao dono da fábrica de salga

2 - CASTELO-BRANCO, F. (1963) - Aspectos e problemas arqueológicos de Tróia de Setúbal. Separata da revista *Ocidente*. Lisboa. 3 - Interpretação do Professor Jorge de Alarcão, a quem agradecemos a informação.

3 - COSTA, A. I. M. (1933) - Estudos sobre algumas estações da época luso-romana nos arredores de Setúbal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: vol. XXIX, p. 2-31.

4 - CASTELO-BRANCO, F. (1963) - Aspectos e problemas arqueológicos de Tróia de Setúbal. Separata da revista *Ocidente*. Lisboa: p. 29-44.

5 - V. ETIENNE, R. (2005) – *Garum*. Em *Dictionnaire de l’Antiquité*, P.U.F., p. 957.

6 - PINTO, I. V.; MAGALHÃES, A. P. & BRUM, P. (2011) – O complexo industrial de Tróia desde os tempos dos *Cornelii Bocchi*. In J. L. CARDOSO & M. ALMAGRO-GORBEA (Eds.) - *Lucius Cornelius Bocchus. Escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina*. Colóquio Internacional de Tróia (6-8 de Outubro de 2010). Lisboa-Madrid: Academia Portuguesa da História. Real Academia de la Historia, p. 133-167.

7 - Interpretação do Professor Jorge de Alarcão, a quem agradecemos a informação.

situada ao lado, pois no século III foram alargadas incorporando um dos seus tanques de salga que foi convertido num vestiário⁸.

Em Tróia foram descobertos diversos cemitérios e um mausoléu que testemunham tanto a cremação como a inumação e diferentes tipos de sepulturas: o cemitério da Caldeira, escavado nas décadas de 40 e 50 do século XX, datável do século I ao século V⁹; o cemitério do mausoléu, prolongando-se em torno deste edifício numa vasta área, provavelmente desde o século IV; os cemitérios na área da basílica, ainda muito mal conhecidos mas que terão existido desde o século IV, e que incluem o cemitério das sepulturas de mesa¹⁰.

O mausoléu, por sua vez, tem nichos nas paredes destinados a urnas com cinzas de defuntos, além das sepulturas de corpo inteiro no seu interior. Este edifício terá sido construído nos finais do século II ou inícios do século III sobre antigos armazéns da grande fábrica de salga contígua.

A grande diversidade de sepulturas nas quais os habitantes de Tróia enterraram os seus mortos é um reflexo da continuidade da ocupação do sítio ao longo de vários séculos. Revela ainda um intenso contacto com o exterior, que lhes foi permitindo adoptar os novos usos e costumes que se iam propagando pelo Império.

Um dos monumentos mais bem conservados do sítio arqueológico de Tróia é a basílica paleocristã, uma igreja construída em finais do século IV ou inícios do século V¹¹. Era um edifício de grande dimensão com três arcadas dividindo o espaço em quatro naves transversais. As suas altas paredes estão profusamente pintadas com motivos geométricos e vegetalistas, e placas de pedra com veios de mármore na parte inferior. Segundo Rui Pedroso,

“*Le décor de la “basilique” qui couvre quatre murs entiers constitue, jusqu’à présent, du point de vue de sa surface, l’ensemble le plus important encore existant au Portugal*”¹². Um crísmo desaparecido, símbolo cristão da época de Constantino, foi registado no topo de uma parede, identificando este edifício como cristão. Para além desse motivo, um cântaro pintado num pilar é outro dos temas muito utilizado pelas comunidades cristãs mais antigas. A basílica foi construída sobre uma oficina de salga abandonada, que fora transformada em cemitério, e situa-se junto a uma casa mais antiga que no século IV foi igualmente transformada em cemitério.

Para além do acervo imóvel referido, dos trabalhos arqueológicos realizados no sítio resultava ainda abundante acervo móvel que constitui igualmente património nacional¹³ e entre o qual se contam 11 peças classificadas “Bens de Interesse Nacional”¹⁴: uma travessa de vidro, anéis, entre os quais um anel de sinete com a representação de Marte, brincos de ouro e colheres de prata, todas depositadas no Museu Nacional de Arqueologia.

A VALORIZAÇÃO DAS RUÍNAS ROMANAS DE TRÓIA

No âmbito do projecto turístico de requalificação da península de Tróia pelo Grupo Sonae, iniciado em 1998, foi celebrado em 2005, com as entidades então tutelares do património cultural, um protocolo que proporcionou a contratação de uma equipa de arqueologia para se ocupar da conservação, manutenção e valorização do sítio arqueológico de Tróia.

8 - ÉTIENNE, R., MAKAROUN, Y. & MAYET, F. (1994) – *Un grand complexe industriel à Tróia (Portugal)*. Paris: Éd. de Boccard, p. 121-159.

9 - ALMEIDA, J. (2008) - *A necrópole romana da Caldeira, Tróia de Setúbal. Escavações de Manuel Heleno das décadas de 40-60 do século XX*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia. Faculdade de Letras de Lisboa, vol. 1 e 2.

10 - ALMEIDA, F.; PAIXÃO, J. & PAIXÃO A. C. (1978) - Um tipo raro de sepultura romana. *Actas das III Jornadas Arqueológicas* (Lisboa, 1977). Lisboa: p. 321-335; ALMEIDA, F.; PAIXÃO, J. & PAIXÃO A. C. (1982) - Cemeterio Paleocristiano o Romano Tardio de Tróia (Portugal). *II Reunió d’Arqueologia Paleocristiana Hispánica*. Barcelona: Universitat de Barcelona, p. 259-263.

11 - COSTA, A. I. M. (1929) - Estudos sobre algumas estações da época luso-romana nos arredores de Setúbal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: vol. XXVII, p. 165-181; Id. (1933) - Estudos sobre algumas estações da época luso-romana nos arredores de Setúbal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: vol. XXIX, p. 2-31; MACIEL, J. (1996) – *Antiguidade tardia e paleocristianismo em Portugal*. Lisboa: Edições Colibri.

12 - V. PEDROSO, R. N. (2001) – “La «Basilique» de Tróia. Un décor luso-romain du IVe S. AP. J.-C. ”, La peinture funéraire antique, Alix Barbet (dir.), *Actes du VIIe colloque de l’association internationale pour la peinture murale antique (AIPMA)*, Saint-Romain-en-Gal-Vienne, Paris: Editions Errance, p. 305.

13 - Os bens provenientes da realização de trabalhos arqueológicos constituem património nacional” Art. 74º da Lei-base 107/2001.

14 - Decreto de rectificação 62/2006.

Em 2007 começaram os trabalhos de limpeza, desafogamento de areias e escavação com o propósito de preparar a valorização deste sítio. Tendo em conta a sua grande extensão, com vestígios ao longo de 1,5 km, e a impossibilidade de intervir de imediato em certas áreas, optou-se por fasear a valorização. Escolheu-se uma área emblemática, com cerca de 6500 m², que compreende a maior fábrica de salga conhecida neste complexo industrial com duas oficinas de salga de peixe, as termas, o mausoléu, a necrópole do mausoléu e o núcleo habitacional da Rua da Princesa para iniciar os trabalhos de valorização.

A valorização implicou uma diversidade de tarefas, nomeadamente de limpeza, desmatização, desafogamento de areias, escavação e trabalhos de conservação e restauro que culminaram na instalação de um percurso de visita com sinalética e painéis explicativos.

O projecto exigiu um trabalho interdisciplinar, coordenado pela equipa de arqueologia que dirigiu e executou também todos os trabalhos arqueológicos.

O projecto de arquitectura paisagista é da autoria de Hipólito Bettencourt (HB – Arquitectura Paisagista, Lda.) enquanto os trabalhos de conservação e restauro, que prosseguem ainda, estão a cargo da empresa “Nova Conservação – Restauro e Conservação do Património Artístico-Cultural, Lda.”, sob a responsabilidade do conservador-restaurador Nuno Proença.

Um dos princípios norteadores deste projecto foi o respeito pelo próprio monumento, tanto em termos de conservação e restauro, recorrendo ao princípio de intervenção mínima que não alterasse a volumetria das estruturas, como na escolha de soluções construtivas e arquitectónicas não intrusivas, minimizando o impacto da intervenção paisagística. Nesse sentido, procurou-se materiais que não destoassem nem distraíssem a atenção do visitante das próprias ruínas através do ensaio e escolha de métodos construtivos e materiais adequados ao sítio e com texturas e cores integradas na imagem do local.

Por conseguinte, na construção dos percursos



Fig. 2 – Planta de implantação do percurso da visita, pavimentos e plantações (HB-Arquitectura Paisagista, Lda).

de visita foram conjugadas duas soluções distintas. Nas zonas planas ou levemente inclinadas, o arquitecto optou por um pavimento em betonilha com cerâmica triturada enquanto nos passadiços sobrelevados, nas escadas e nas estadias para observação dos vários núcleos, a opção foi o *deck* em madeira.

Foi inovadora esta conjugação do pavimento em betonilha com o *deck* em madeira, e também o próprio pavimento em betonilha com cerâmica triturada, que foi alvo de várias experiências e feito no próprio local. Este pavimento, de cor rosada, foi feito com materiais modernos (cimento, cimento branco e tijolo de fábrica), mas inspira-se na argamassa utilizada em vários revestimentos romanos, revelando-se muito apropriado, por se conjugar bem com as estruturas romanas em termos de cor e textura.

Dada a complexidade da área a valorizar, pretendeu-se instalar um percurso de visita com várias alternativas, que formalmente não intervissem na imagem das ruínas e do seu espaço envolvente, e

que permitissem ao visitante explorar o sítio sem ter que seguir um percurso obrigatório. Criou-se um percurso principal, a diferentes níveis e com diferentes perspectivas sobre o objecto arqueológico, que dá a volta mais larga a toda a área valorizada, e um percurso curto que percorre apenas a fábrica de salga e as termas.

Outro dos princípios deste projecto foi o de assegurar que as alternativas ao percurso principal garantiam o acesso dos visitantes com mobilidade reduzida a todos os núcleos e respectivos pontos de observação, evitando os lances de escadas em dois sítios do percurso principal, impossíveis de suprimir devido aos vestígios arqueológicos que se encontram por baixo. No mesmo sentido, a sinalética foi colocada a uma altura que possibilitasse a sua visualização pelas crianças e pessoas sentadas em cadeiras de rodas.

No seu conjunto, este projecto implicou uma complexa articulação entre as várias equipas. A equipa de arqueologia adaptou as intervenções

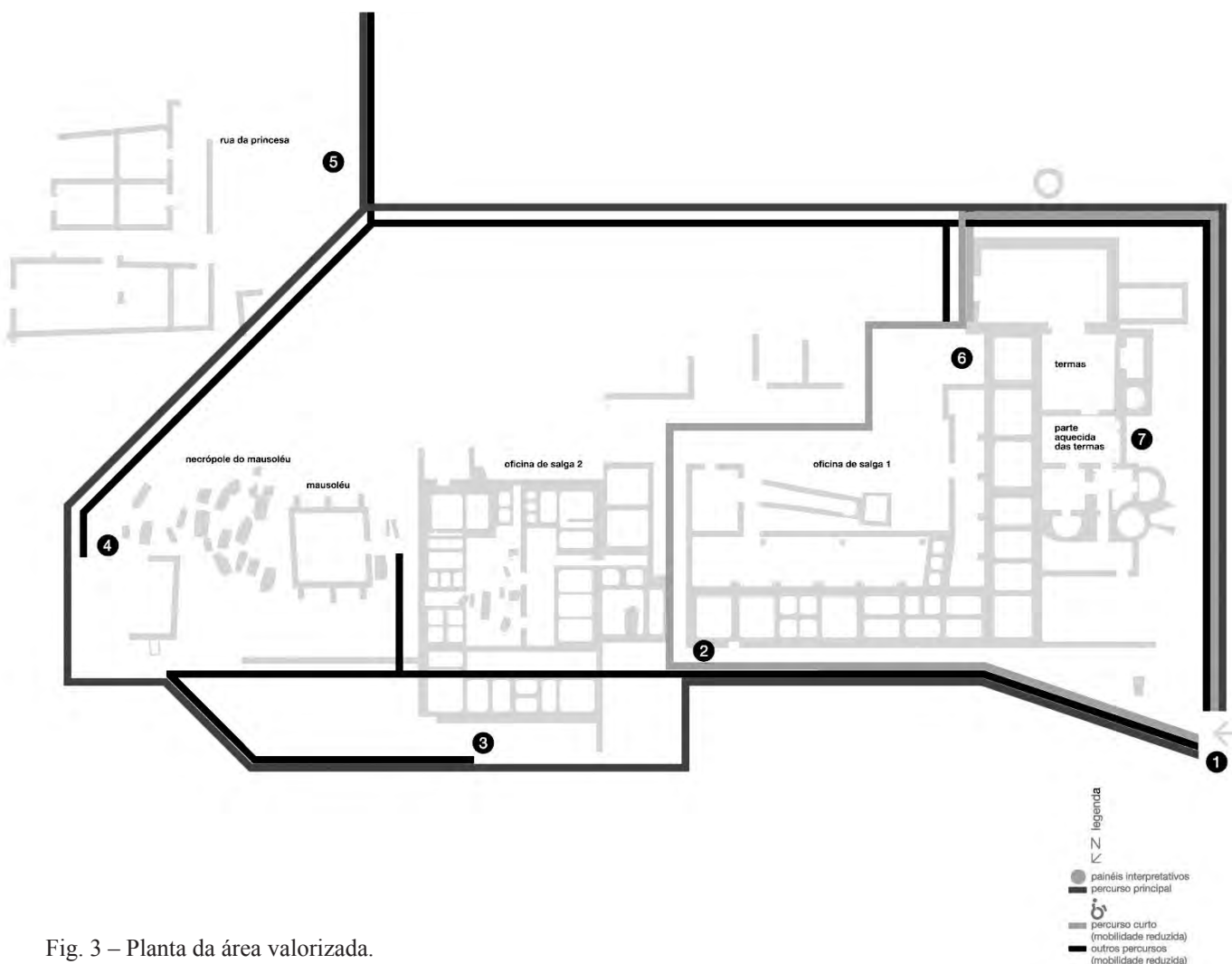


Fig. 3 – Planta da área valorizada.

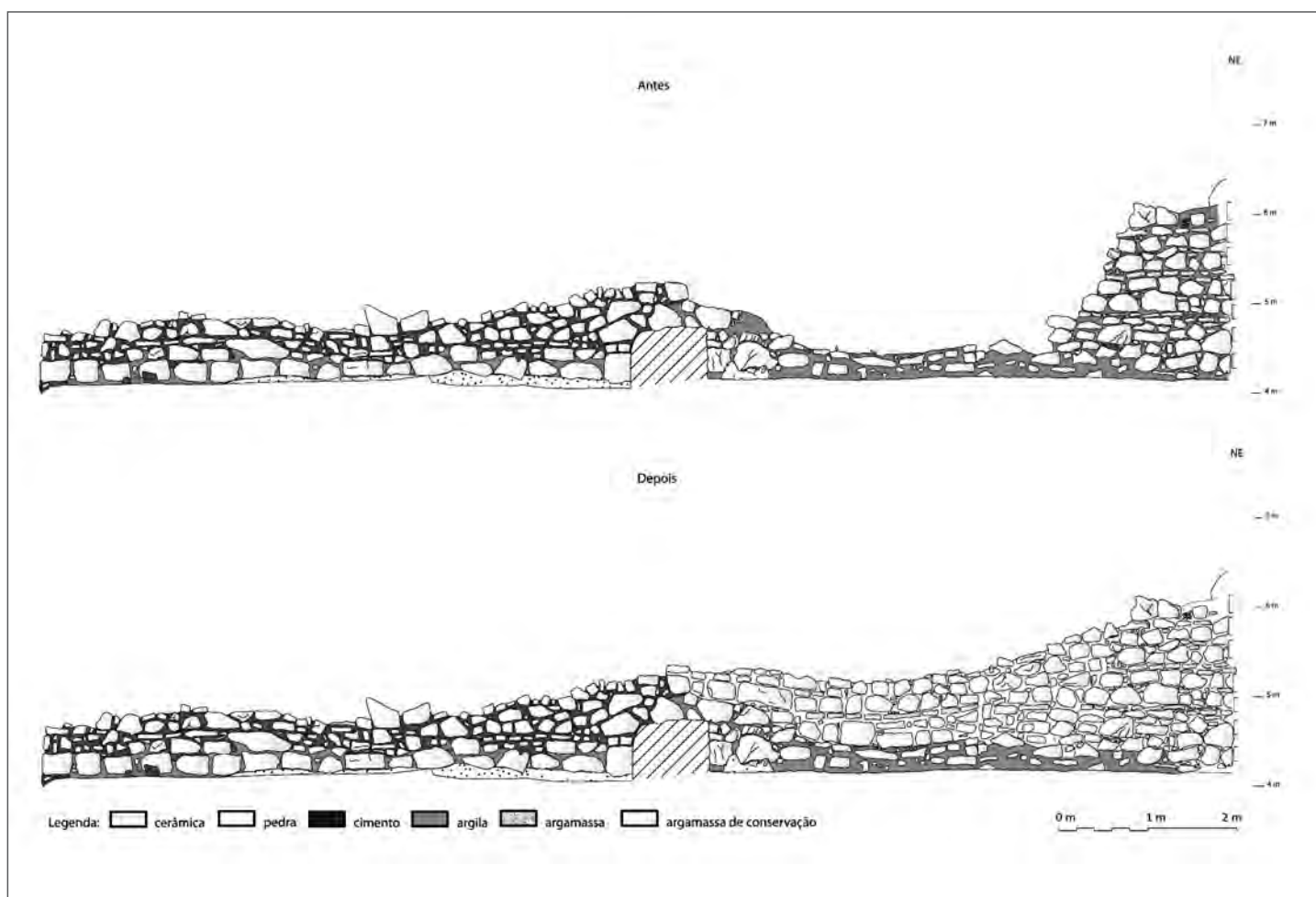


Fig. 4 – Parede NE [266] da Oficina de salga 2 antes e depois dos trabalhos de conservação.

arqueológicas no terreno ao projecto de arquitectura e às necessidades da conservação e restauro, em termos de sondagens preparatórias, enquanto o projecto de arquitectura teve que respeitar os constrangimentos do próprio monumento em termos de modelação do terreno. Também os trabalhos de conservação incidiram prioritariamente em áreas afectas ao novo percurso de visita de modo a permitir a sua instalação.

A sinalética e os painéis explicativos foram concebidos pelo *designer* Francisco Providência, enquanto as reconstituições que figuram nos painéis e no guia de visita são da autoria do desenhador Pedro Ramos.

Contou-se igualmente com a consultadoria de engenharia civil do Eng. Miguel Braga, da empresa OA4 Engenharia, Lda., que interveio na avaliação das soluções propostas para áreas sensíveis necessitadas de conservação e restauro.

A valorização desta primeira área ficou con-

cluída em Fevereiro de 2011 e foi inaugurada no dia 1 de Junho do mesmo ano.

A partir dessa data, o sítio ficou parcialmente aberto ao público e até ao final de 2013 foi visitado por 18 168 pessoas.

A visita ao sítio é a forma mais eficaz de preservar este património cultural, e contribui simultaneamente para diversificar a oferta e combater a sazonalidade da região, estando o sítio arqueológico situado numa região turística em desenvolvimento.

Ao nível do acervo móvel, existem actualmente várias colecções de objectos provenientes de Tróia expostos em diversas instituições, como por exemplo no Museu Nacional de Arqueologia, no Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal e na Câmara Municipal de Grândola. Em Tróia, foi instalada uma pequena exposição permanente intitulada no clube de golfe “Tróia Romana”, concebida pela equipa de arqueologia em Agosto de 2011, bem como uma pequena montra no Aqualuz

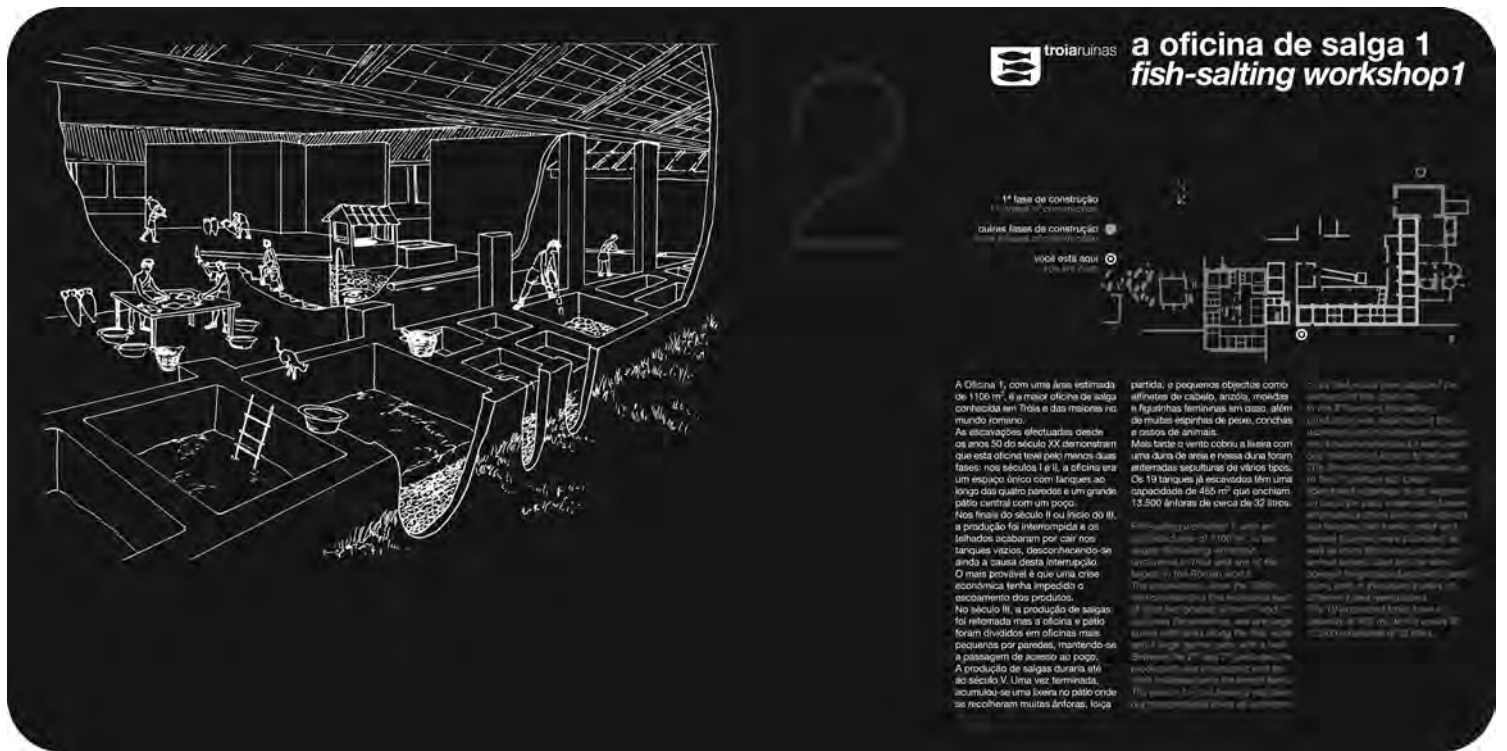


Fig. 5 – Painel explicativo da oficina de salga 1.

Suite Hotel Apartamentos, em Julho de 2012. Estas exposições dispersas contribuem para dar a conhecer o sítio arqueológico e tentam dar resposta ao interesse do público no espólio exumado pelas escavações arqueológicas.

O sítio arqueológico está apenas parcialmente valorizado, prosseguindo os trabalhos de conservação e restauro das suas estruturas. Ainda que sem data para a continuação dos trabalhos, as restantes áreas escavadas, compostas por outras oficinas de salga, um cemitério e uma basílica paleocristã, aguardam a oportunidade de intervenções que permitam a sua valorização e abertura ao público, tendo-se iniciado já os trabalhos de conservação e restauro das pinturas murais da basílica pelo conservador-restaurador José Artur Pestana (empre-

sa “Mural da História, Restauro de pintura mural, Lda.”).

As Ruínas Romanas de Tróia proporcionam



Fig. 6 – Inauguração do circuito de visita da 1ª fase de valorização das Ruínas Romanas de Tróia.

ainda um vasto tema de estudo à equipa responsável e a diversos investigadores que desenvolvem trabalhos sobre este sítio e, por conseguinte, a sua investigação prosseguirá.

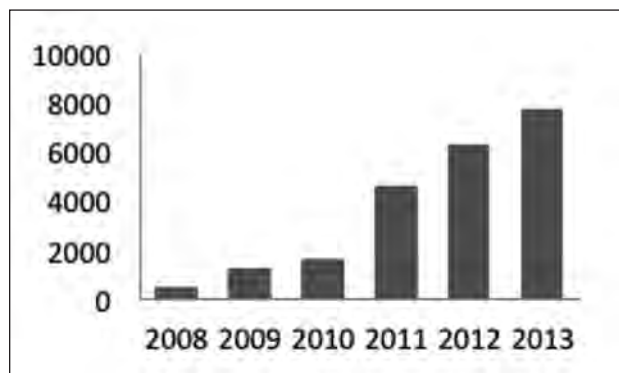


Fig. 7 – Nº de visitantes das Ruínas Romanas de Tróia (até ao final de 2013).

BIBLIOGRAFIA SELECCIONADA

ALARCÃO, J. (1988) – *Roman Portugal*, 2, fasc. 2. Warminster: Aris & Phillips, p. 89-142.

ALARCÃO, J. (2004) – Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia – I. *Revista de Arqueologia*, 7 (1). Lisboa, p. 317-342.

ALMEIDA, F. & MATOS, J. L. (1969) – Notícias Arqueológicas. Fragmentos de um sarcófago romano. *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, 2. Lisboa, p. 3-7.

ALMEIDA, F. & MATOS, J. L. (1971) – Frescos da «Capela Visigótica» de Tróia, Setúbal. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*. Coimbra, p. 529-533.

ALMEIDA, F. & MATOS, J. L. (1972) – Notes sur quelques monuments paléochrétiens du Portugal. *Actas do VIII Congresso Internacional de Arqueologia Cristiana* (Barcelona, 1969). Barcelona/Roma, p. 239-242.

ALMEIDA, F., PAIXÃO, J. & PAIXÃO, A. C. (1978) – Um tipo raro de sepultura romana. *Actas das III Jornadas Arqueológicas* (Lisboa, 1977). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 321-335.

FICHA TÉCNICA DA VALORIZAÇÃO

Proprietário do terreno

S.I.I. – Soberana – Investimentos Imobiliários, SA.

Arqueologia

Troiareort - Investimentos Turísticos, S.A.

Conservação e restauro

Nova Conservação – Restauro e Conservação do Património Artístico-Cultural, Lda.

Arquitectura Paisagista

HB – Arquitectura Paisagista, Lda.

Engenharia

OA4 Engenharia, Lda.

Design

Providência Design

Conteúdos

Troiareort - Investimentos Turísticos, S.A.

Reconstituições

Pedro Ramos

Execução

Chão Bom – Jardins e Espaços Verdes, Projectos e Manutenção, Lda

Carmo - Estruturas em Madeira, S.A.

ALMEIDA, F., PAIXÃO, J. & PAIXÃO, A. C. (1982) – Cemeterio Paleocristiano o Romano Tardio de Tróia (Portugal). In *II Reunió d'Arqueologia Paleocristiana Hispànica*. Barcelona: Universitat de Barcelona, p. 259-263.

APOLLINÁRIO, M. (1897) – Estudos sobre Tróia de Setúbal. 1. Piscinas. 2. Columbarium. 3. Thermas de Tróia. *O Archeólogo Português*, 3. Lisboa, p. 157-160.

AZEVEDO, P. A. (1897) – Estudos sobre Tróia de Setúbal. 4. Nossa Senhora de Tróia nos sécs. XV e XVI. *O Archeólogo Português*, 3. Lisboa, p. 257-265.

AZEVEDO, P. A. (1898) – Estudos sobre Tróia de Setúbal. 7. A Tróia. *O Archeólogo Português*, 4. Lisboa, p. 18-45.

BARREIROS, Gaspar O. F. M. (1561) – *Chorographia de alguns lugares que stam em hum caminho que fez Gaspar Barreiros ó anno de MDXXXVJ começa[n]do na cidade de Badajoz em Castella te á de Milam em Italia; co[m] algu[m]as outras obras cujo catalogo vai scripto com os nomes dos dictos lugares na folha seguinte.* - Em Coimbra: por Ioã Aluarez, & por mandado do doctor Lopo de Barros do Desembargo d'el rei nosso senhor & conego da Se d'Euora.

- CABRAL, M. E. F. C. (1973) – *Lucernas romanas de Tróia de Setúbal (MNA)*. Dissertação dactilografada de Licenciatura em História, 2 vols. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa.
- CABRAL, M. E. F. C. (1975) – A representação do crísmo nas lucernas tardias de Tróia (Setúbal). *Setúbal Arqueológica*, 1. Setúbal: MAEDS, p. 163-168.
- CASAL, M. G. D. (2003) – Pinturas Murais da Aula/Basilica de Tróia: exame técnico e estado de conservação. *Património-Estudos*, 5. Lisboa, p. 5-13.
- CASTELO-BRANCO, F. (1954) – O problema da identificação de Cetóbriga com as ruínas de Tróia de Setúbal. *Brotéria*, 58. Lisboa, p. 703-709.
- CASTELO-BRANCO, F. (1963) – Aspectos e problemas arqueológicos de Tróia de Setúbal. *Ocidente* (Separata). Lisboa, p. 21-30, 79-96, 123-138, 157-168, 205-228 e 277-296.
- CENÁCULO, Frei Manuel (s/ d) – *Vida de S. Sizenando*. Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXIX/1-9, p. 89-90.
- CORREIA, V. (1928) – Arte visigótica. In *História de Portugal*, 1. Barcelos, p. 365-388.
- COSTA, A. I. M. (1898) – Estudos sobre Tróia de Setúbal. 8. Edificações de Tróia. *O Archeologo Português*, 4. Lisboa, p. 344-351.
- COSTA, A. I. M. (1924) – Informações históricas sobre povoações antigas nos arredores de Setúbal. *O Archeologo Português*, 26. Lisboa, p. 323-328.
- COSTA, A. I. M. (1929) – Estudos sobre algumas estações da época luso-romana nos arredores de Setúbal. *O Archeólogo Português*, 27. Lisboa, p. 165-181.
- COSTA, A. I. M. (1933) – Estudos sobre algumas estações da época luso-romana nos arredores de Setúbal. *O Archeólogo Português*, 29. Lisboa, p. 2-31.
- COSTA, A. I. M. (1970) – Novos elementos para a localização de Cetóbriga. Os achados romanos na cidade de Setúbal. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958). Lisboa, p. 197-227.
- DELGADO, M. (1968) – Terra sigillata clara de Museu do Alentejo e Algarve. *Conimbriga*, 7. Coimbra, p. 41-66.
- DESSE-BERSET, N.; DESSE, J. (2000) – *Salsamenta, garum* et autres préparations de poissons. Ce qu'en disent les os. *Mélanges de l'École Française de Rome*, t. 112-2000-1. Roma, p. 73-97.
- (1758) – *Diccionario Geográfico*, 34, fl. 1108. Torre do Tombo.
- DIOGO, A. M. D. & TRINDADE L. (1992) – Ânforas romanas provenientes de Tróia nas coleções da Associação de Estudos Arqueológicos e Etnográficos. *Artefactos*, 1. Lisboa, p. 5-8.
- DIOGO, A. M. D. & PAIXÃO, A. C. (2001) – Ânforas de escavações no povoado industrial romano de Tróia, Setúbal. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 4 (1). Lisboa, p.117-140.
- DIOGO, A. M. D. & TRINDADE L. (1995) – Elementos para o estudo de Tróia, Setúbal. *Al-madan*, 4, S. 2. Almada, p. 23-25.
- DIOGO, A. M. D. & TRINDADE, L. (1998) – Uma perspectiva sobre Tróia a partir das ânforas. Contribuição para o estudo da produção e circulação das ânforas romanas em território português. *O Archeólogo Português*, 4 (16). Lisboa.
- EDMONSON, J. C. (1987) – *Two industries in Roman Lusitania: mining and garum*. (BAR int. ser. 362). Oxford.
- ENCARNAÇÃO, J. D' (1984) – *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Arqueologia.
- ENCARNAÇÃO, J.; PINTO, I. V.; MAGALHÃES, A. P. & BRUM, P. (2012) – Árula funerária de Tróia (Conventus Pacensis). *Ficheiro epigráfico* (Suplemento de «Conimbriga») 99.
- ÉTIENNE, R.; MAKAROUN, Y. & MAYET, F. (1994) – *Un grand complexe industriel à Tróia (Portugal)*. Paris: Éd. de Boccard.
- ÉTIENNE, R. & MAYET, F. (1993-94) – La place de la Lusitanie dans le commerce méditerranéen. *Conimbriga*, 41. Coimbra, p. 201-218.
- ÉTIENNE, R. & MAYET, F. (1995) – Trente ans de collaboration archéologique luso-française. *Veleia*. Vitoria: Servizio Editorial Universidad del País Vasco, p. 79-94.
- ÉTIENNE, R. & MAYET, F. (1997) – La place de Tróia dans l'industrie romaine des salaisons de poisson. *Itinéraires Lusitaniens*. Paris, p. 195-208.
- FERREIRA, F. B. (1959) – O problema da localização de Cetóbriga. *Conimbriga*, 1. Coimbra, p. 41-70.
- FERREIRA, F. B. (1965) – Ainda a pretensa relação *Cetobriga>Stuyr>Stubr. *Conimbriga*, 4. Coimbra, p. 37-41.
- FERREIRA, F. B. (1971) – A propósito do nome de Achale ou Acale da Ora Marítima de Avieno. *Revista de Guimarães*, 69. Guimarães, p. 437-444.

- FERREIRA, F. B. & SILVA, M. C. N. (1958-62) – Leite de Vasconcelos e a Tróia de Setúbal. *Arqueologia e História*. Lisboa: p. 175-184.
- FERREIRA, O. V. (1966/67) – Algumas considerações sobre as fábricas de conservas de peixe da Antiguidade encontradas em Portugal. *Arquivo de Beja*, 23-24. Beja, p. 123-134.
- FIGUEIREDO, A. (2001) – Death In Roman Iberia: acculturation, resistance and the diversity of beliefs and practices. *Era Arqueologia*, 3. Lisboa: 3, p. 90-107.
- FIGUEIREDO, A. (2002) – A trepanned cranium from Troia (Grândola, Setúbal), and the practice of trepanation in the Roman world. *O Arqueólogo Português*, 4 (20). Lisboa, p. 147-160.
- FONSECAP, C. (2004) – A terra sigillata do fundeadouro de Tróia *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7 (1). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 421-449.
- GONÇALVES, V. S. & TAVARES da SILVA, C. (1966) – Lucernas romanas e paleocristãs do Museu de Setúbal, *Actas do IV Colóquio Portuense de Arqueologia (Porto, 1965)* (Lucerna, 5). Porto, p. 617-624.
- GUERRA, A. (2002) – Tróia de Setúbal: o que se esconde sob um mar de areia? *Al-madan*, 2 (11). Almada, p. 16-17.
- HELENO, M. (1956) – Um quarto de século de investigação arqueológica. *O Arqueólogo Português*, 3, Nova série. Lisboa, p. 221-237.
- JALHAY, E. (1948) – Franz Cumont e o baixo-relevo mitraico de Tróia (Setúbal). *Brotéria*, 46 (5). Lisboa, p. 529-539.
- JUNQUEIRO, A. C. A. (1900) – Estudos sobre Tróia de Setúbal. Cerâmica romana. *O Archeólogo Português*, 7 (9). Lisboa, p. 176-179.
- LAVANHA, J. B. (1622) – *Viagem da Catholica Real Majestade del Rey D. Filipe II N. S. ao Reyno de Portugal e rellação do solene recebimento que nelle se lhe fez*. Madrid.
- MACHADO, J. T. M. (1962) – Como surgiu em Portugal a primeira Sociedade de Arqueologia. *Arqueologia e História*, 9. Lisboa, p. 117-145.
- MACIEL, J. (1996) – *Antiguidade tardia e paleocristianismo em Portugal*. Lisboa: Edições Colibri.
- MAGALHÃES, A. P. (2014) – Uma cetária de Tróia escavada nos anos 50 do séc. XX. *Setúbal Arqueológica*, 15. Setúbal: MAEDS, p. 245-258.
- MAIA, M. G. P. (1971) – Contribuição para o estudo da Terra Sigillata de Troia de Setúbal, Lisboa: [s.n.].
- MAIA, M. G. P. (1974) – Cerâmica fina oriental de Tróia de Setúbal: «Late Roman C Ware». *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, 1. Porto, p. 333-341.
- MAIA, M. G. P. (1975) – Alguns aspectos da “terra sigillata” de Tróia (Setúbal). *Setúbal Arqueológica*, 1. Setúbal: MAEDS, p. 159-162.
- MAIA, M. G. P. (1975) – Contribuição para o estudo das ânforas romanas de Tróia - ânforas do tipo «africano grande». *Setúbal Arqueológica*, 1. Setúbal: MAEDS, p. 155-158.
- MAIA, M. G. P. (1974-77) – Marcas em ânforas da forma DR/20, de Tróia, Setúbal. *O Arqueólogo Português*, 3 (7-9), p. 355-358.
- MAIA, M. G. P. (1974-77) – Sigillata clara com decoração aplicada de Tróia de Setúbal. *Arqueólogo Português*, 3 (7-9). Lisboa, p. 365-381.
- MAIA, M. G. P. (1976-77) – Sigillata (paleocristã) cinzenta de Tróia de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*, 2-3. Setúbal: MAEDS, p. 411-418.
- MARTINS, A. C. (2003-2005) – As Ruínas de Tróia (Portugal) e o despertar da Arqueologia Clássica no Portugal de Oitocentos. In C. FERNÁNDEZ OCHOA & M. MORILLO CERDÁN (eds.), *Archaiá*, 3, 4 e 5.
- MAYET, F. & SILVA, C. T. (1998) – La place de Tróia dans l'économie de l'Hispanie Romaine. *Actas do encontro de Arqueologia da Arrábida* (Trabalhos de Arqueologia, 14). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 85-99.
- MAYET, F. & SILVA, C. T. (1998) – *Abul. Fenícios e romanos no vale do Sado*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal.
- MONTEIRO, A. M. & PAIXÃO, A. C. (2003) – Estação Arqueológica de Tróia – plano de valorização. *Património-Estudos*, 4. Lisboa, p. 187-191.
- MONTEIRO, A. M.; ESTEVES, A. M. & RODRIGUES, J. B. (2004) – The Roman Site of Tróia, Portugal. History, degradation problems and conservation issues (IPPAR/LNEC). *3rd International Conference on Science and technology. Conservation of Cultural Heritage*.
- NUNES, M. L. R. A. (1975) – Pequeno tesouro de moedas romanas achado na estação de Tróia, *Setúbal arqueológica*, 1. Setúbal: MAEDS, p. 169-176.
- NUNES, M. L. R. A. (1974-77) – Tesouro de moedas romanas encontradas em Tróia. *O Arqueólogo Português*, 7-9, Nova Série. Lisboa, p. 359-364.

- PAIXÃO, A. C. (1985) – Estação arqueológica de Tróia (Grândola). *Arqueologia*, 12. Porto, p. 204-205.
- PEDROSO, R. N. (1998) – La “basilique” de Tróia. Un décor luso-romain du I^{er} s. ap. J.-C. In A. BARBET (dir.), *La peinture funéraire antique (IV^e siècle av. J.-C.- IV^e siècle apr. J.-C.)*. Actes du VII^e colloque de l'Association Internationale pour la peinture murale antique (AIPMA). Paris: édition Errance, p. 305-311.
- PEDROSO, R. N. (2006) – Réseaux, plants et marbres. Une importante peinture luso-romaine du IV^e s. ap. I. – *Dossiers archéologie, sciences des origines*, 3. Dijon, p. 70-75.
- PEREIRA, M. A. G. (1971) – Fragmento de vaso vidrado a verde da estação romana de Tróia (Setúbal). *O Arqueólogo Português*, 3 (5). Lisboa, p. 145-154.
- PINTO, I. V.; MAGALHÃES, A. P. & BRUM, P. (2010) – Ceramic assemblages from a fish-salting factory in Tróia (Portugal). In *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta 41*. Bona, p. 529-537.
- PINTO, I. V.; MAGALHÃES, A. P. & BRUM, P. (2010) – Ceramic assemblages from a fish-salting factory in Tróia (Portugal). In *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta 41*. Bona, p. 529-537.
- PINTO, I. V.; MAGALHÃES, A. P. & BRUM, P. (2010) – Sondagem junto ao poço da oficina de salga 1 de Tróia. *Conimbriga*, 49, p. 133-159.
- PINTO, I. V.; MAGALHÃES, A. P. & BRUM, P. (2011) – O complexo industrial de Tróia desde os tempos dos *Cornelii Bocchi*. In J. L. CARDOSO & M. ALMAGRO-GORBEA (eds.), *Lucius Cornelius Bocchus. Escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina*. Colóquio Internacional de Tróia (6-8 de Outubro de 2010). Lisboa-Madrid: Academia Portuguesa da História/Real Academia de la Historia. , p. 133-167.
- PINTO, I. V.; MAGALHÃES, A. P. & BRUM, P. (2012) – A valorização das ruínas romanas de Tróia (2007-2011). *Portugal Romano* (Revista de Arqueologia Romana), Ano 1 (2), Junho, p. 84-97.
- PINTO, I. V.; MAGALHÃES, A. P. & BRUM, P. (2012) – Un dépôt de l'officine de salaisons 1 de Tróia, Portugal. *Rei Cretariae Romanae Fautores Acta 42*, p. 397-406.
- PINTO, I. V.; MAGALHÃES, A. P. & CABEDAL, V. (2014) – O núcleo fabril do Recanto do Verde (Tróia). *Setúbal Arqueológica*, 15. Setúbal, p. 217-244.
- QUINTELA, A. C.; CARDOSO, J. L. & MASCARENHAS, J. M. (1986) – *Aproveitamentos hidráulicos romanos a Sul do Tejo*. Contribuição para a sua inventariação e caracterização. Lisboa: Ministério do Plano e da Administração do Território.
- QUINTELA, A. C., CARDOSO, J. L. & MASCARENHAS, J. M. (1993/94) – Instalação romana de captação, elevação e armazenamento de água em Tróia (Grândola, Portugal). *Conimbriga*, 32-33. Coimbra, p. 157-169.
- RESENDE, A. (1593) – *De Antiquitatibus Lusitaniae*, Évora.
- RIBEIRO, M. (1970) – Anzóis de Tróia. Subsídios para o estudo da pesca no período lusitano-romano. *O Arqueólogo Português*, 3 (4). Lisboa, p. 221-236.
- RIBEIRO, M. (1971) – Anzóis de Tróia. Subsídios para o estudo da pesca no período lusitano-romano. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*. Coimbra, p. 391-402.
- SILVEIRA, T.; ANDRADE, F., PINTO, I. V.; MAGALHÃES, A. P. & CABEDAL, V. (2014) – Enchimento de praia para protecção das ruínas romanas de Tróia: projecto e acompanhamento arqueológico. *Setúbal Arqueológica*, 15. Setúbal, p. 259-305.
- SEPÚLVEDA, E. (1996) – Terra sigillata tardo-italica (padana) proveniente de Tróia de Setúbal. *Al-madan*, 2 (5). Almada, p. 13-17.
- SILVA, C. T. (1996) – A. I. Marques da Costa e Tróia de Setúbal. In *V Colóquio Português de Arqueologia, Porto, 17 a 20 de Novembro de 1966* [Lucerna, 2 (1)]. Porto, p. 259-268.
- SILVA, C. T. & CABRITA, M. G. (1966) – O problema da destruição da povoação romana de Tróia de Setúbal. *Revista de Guimarães*, 76. Guimarães, p. 147-156.
- SILVA, C. T. & SOARES, J. (1986) – *Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza.
- SOARES, J. (1980) – *Estação romana de Tróia*. Setúbal: Câmara Municipal de Grândola e MAEDS.
- SOARES, J. (Coord.) (2008) – *Embarcações tradicionais. Contexto físico-cultural do estuário do Sado*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal e Administração dos Portos de Setúbal e Sesimbra.
- SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (2012) – Caetobriga uma cidade fabril na foz do Sado. *Portugal Romano* (Revista de Arqueologia Romana), Ano 1 (2), Junho, p. 57-73.
- SOUSA, E. M. (1993/94) – Cerâmica vidrada romana proveniente de Tróia de Setúbal. *Conimbriga*, 32-33. Coimbra, p. 359-369.

SOUSA, E. M. (1996) – Terra sigillata marmoreada proveniente de Tróia de Setúbal. *Conimbriga*, 35. Coimbra, p. 207-215.

SOUSA, É. M. & SEPÚLVEDA E. (1988) – A coleção de “contentores” cerâmicos de Tróia de Setúbal conservada no Museu Municipal de Mafra. *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Mafra* (separata). Mafra: Câmara Municipal de Mafra, p. 143-158.

VASCONCELOS, J. L. (1897) – Escavações reais em Troia. *O Archeologo Português*, 3. Lisboa: Museu Etnológico Português, p. 265.

VASCONCELOS, J. L. (1897) – Estudos sobre Tróia de Setúbal. *O Archeólogo Português*, 4. Lisboa: Museu Etnológico Português, p. 223-224.

VASCONCELOS, J. L. (1897) – *Religiões da Lusitânia*. Lisboa.

VASCONCELOS, J. L. (1916) – 27. Antiguidades de Tróia de Setúbal. *O Archeólogo Português*, 21. Lisboa: Museu Etnológico Português, págs. 361-362.

VASCONCELOS, J. L. (1929) – Sepultura de Galla. *O Archeólogo Português*, 28. Lisboa: Museu Etnológico Português, p. 52-60.